

## Sobre a repetição e as singularidades

Carla Zaccagnini

No mais das vezes, as superfícies de que estão feitos os sólidos habitáveis são formadas por módulos que se repetem seguindo padrões. Cada tijolo que se apoia sobre duas metades de seus vizinhos inferiores, cada taco que se acomoda num deslocamento estudado e repetido, cada telha que deita como sobre o verso de si mesma. Todo o pensamento construtivo da modernidade está baseado na invenção de unidades combináveis ao infinito e dos métodos ou fórmulas que estruturam essas relações acumulativas. Os mais eficientes, os mais econômicos, os mais lógicos.

Trata-se, em parte, de uma crença na liberdade que essas infinitas possibilidades combinatórias deveriam garantir. Ao contrário do que ocorria com as catedrais medievais que iam sendo construídas passo a passo, de acordo às necessidades dos fiéis e aos caprichos do arquiteto responsável, de acordo à resistência dos materiais e às técnicas construtivas empregadas; a arquitetura de tijolos propõe uma base e um método capazes de engendrar, pela repetição de si mesmos, inúmeros metros quadrados habitáveis. Diferença que se aproxima, aliás, àquela que há entre os ideogramas e a escrita alfabética. Cada ideograma representa um fragmento do mundo, cada letra não é mais que um som sem sentido completo. E não a toa as casas que construímos e as palavras que escrevemos obedecem a um mesmo princípio.

Os desenhos de Nicolás Robbio funcionam num lugar de tensão, de existência ambígua entre a realidade do mundo representado e a realidade da representação. A precisão dos traços – seja na economia sintética e teoricamente inequívoca do desenho técnico, seja por um capricho ilusionista – conforta o olho e nos acolhe. Convence-nos a deixar de lado toda desconfiança e mergulhar sem receios no ambiente do papel onde tudo é possível. Até quando, já entregues e deleitando-nos, somos surpreendidos pela revelação de um mecanismo, pela perversão do suporte, pela certeza repentina de que nosso olho, como sempre, nos engana. Como com o canudinho no copo ou o tubo do aspirador da piscina, que vemos dobrarem-se à altura em que submergem no líquido. Nos engana.

Mesmo que tenhamos estudado ótica ou saibamos de ouvido que essa percepção se deve ao fenômeno de refração, que a luz se desloca em velocidade diferente no ar e na água e que por isso a linha parece entortar-se. Mesmo que saibamos que o cano continua reto e possamos comprová-lo suspendendo-o para fora d'água e voltando a mergulhá-lo, ainda assim, não podemos deixar de entender o que vemos como parte do real. Assim é, também, com esses desenhos. Ou com uma parede de tijolos coberta por um metro de água límpida que ao ondular com o vento desestrutura a construção. Ou com uma rede de gol, que a cada chute certo balança diferente, configura outra grade. A rede não é somente a amarração dos fios, equidistantes, que preenche o vazio da trave; é também cada possibilidade singular de rearranjo dos fios esticados pela pressão de cada chute de craque.